



Uma teoria económica factual, para além das finanças: o caso de Dona Grácia Mendes (Nasi)

*A factual economic theory, beyond finance: the case of Dona Grácia
Mendes (Nasi)*

¹Eduardo Leite, ²Carlos Machado-Santos, ³Amélia Ferreira da Silva,
⁴Ricardo Jorge Silva, ⁵José Manuel Pereira, ⁶Helena Maria Santos de
Oliveira, ⁷Ana Paiva

¹**E-mail:** eduardo.leite@staff.uma.pt | Universidade da Madeira; CiTUR – Centro de Investigação,
Desenvolvimento e Inovação em Turismo

²**E-mail:** cmsantos@utad.pt | UTAD University, Vila Real, Portugal

³**E-mail:** acfs@iscap.ipp.pt | CEOS.PP – Centre for Social and Organizational Studies of P. Porto, Porto
Accounting and Business School

⁴**E-mail:** id@quociente-razao.pt | Professor and researcher at CEOS.PP – Centre for Social and Organizational
Studies of P. Porto; Porto Accounting and Business School

⁵**E-mail:** jpereira@ipca.pt | PhD in Financial Economics and Accounting, University of Vigo, IPCA - Polytechnic
Institute of Cávado and Ave, Portugal

⁶**E-mail:** hmoliveira@sapo.pt | PhD in Financial Economics and Accounting, University of Vigo

⁷**E-mail:** cazadesantanna@gmail.com | Ph.D in Sociology and Assistant Professor at Aberta University





Resumo

O presente ensaio aborda os negócios e os desafios que os empreendedores enfrentam no quotidiano das suas atividades comerciais, muito para além dos números. Com efeito, por detrás dos negócios existe um conjunto de factos que, com certeza, se refletem financeiramente nas empresas, mas não são suscetíveis de ser captados, muito menos avaliados pelas teorias quantitativas de análise dos negócios, dado a sua origem não ser económica, nem financeira. Assim, no presente ensaio é feita uma análise de caso de uma das mulheres mais empreendedoras e notáveis da época das explorações marítimas portuguesas. Através do seu caso e com recurso a uma análise alternativa às finanças, psicológica e sociológica dos factos sociais, é possível ilustrar que os negócios evidenciam dificuldades financeiras, entram em declínio e perdem-se, mas as causas dessas perdas são sociais e não financeiras, como poderíamos concluir em primeira instância.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Factos Sociais; Finanças, Grácia Nasi.

Abstract

This essay addresses the business and challenges that entrepreneurs face in the daily lives of their business activities, far beyond numbers. Indeed, behind the business there is a set of facts that are certainly reflected financially in the companies, but are not susceptible to be captured, much less evaluated by the quantitative theories of business analysis, given that their origin is not economic, nor financial. Thus, in the present essay a case analysis is made of one of the most enterprising and notable women of the time of the Portuguese maritime explorations. Through its case and through an alternative analysis of the financial, psychological and sociological social facts, it is possible to illustrate that the business evidences financial difficulties, they fall into decline and are lost, but the causes of these losses are social and not financial, as we might conclude at first instance.

Keywords: Entrepreneurship; Social Facts; Finance, Grácia Nasi.

1.

Enquadramento

Quando somos confrontados com notícias de insolvência de empresas, numa primeira análise somos – por vezes levemente – levados a concluir que tal se deveu a dificuldades económicas e financeiras.

Porém, essa percepção, nem sempre corresponde à realidade. Embora, segundo o teorema de Thomas (1863-1947), se as pessoas definem certas situações como reais, elas são reais nas suas consequências. No entanto, o argumento não é um suficiente forte para concluirmos sobre as causas dos fracassos dos negócios, muito menos dos empreendedores. Por outras palavras, sendo certo que a falta de dinheiro é um efeito visível das dificuldades, não é necessariamente a causa de uma insolvência ou falência, como veremos no estudo de caso de Dona Grácia Mendes, também conhecida de Grácia Nasi.

Na origem desses pensamentos primários, destacamos o fato de os negócios serem, frequentemente, analisados pela via das disciplinas comerciais e do ponto de vista meramente quantitativo, negligenciando outras abordagens qualitativas, designadamente mais filosóficas, psicológicas e sociológicas, entre outras disciplinas que captam os fenómenos sociais.

Por exemplo, quando se pretende apurar responsabilidades na gestão de uma sociedade comercial e tomar contacto com a realidade de uma determinada organização, procedimentalmente solicitamos uma auditoria financeira. Apesar de ser um instrumento de análise importante, uma auditoria financeira não capta por si só o fenómeno empresarial na sua totalidade.

Assim, numa análise mais atenta é possível identificar outras razões por detrás dos fracassos dos negócios e dos empreendedores, designadamente, causas sociais e, até, políticas. É nesse quadro que invocamos autores normalmente não conetados com os negócios, cujas teorias e princípios pensamos poderem contribuir para a construção e uma visão holística das empresas, dos seus sucessos e, muito especialmente, dos fracassos. O objetivo é contribuir para a explicação das causas do insucesso dos empreendedores e respetivos negócios, que vão, como se concluirá no presente estudo, muito para além da realidade dos números, que escondem quadros sociais dramáticos, através da metodologia do estudo de caso.

2.

Estudo de Caso: Dona Grácia Mendes (Nasi)

Ilustrando simbolicamente o estudo de caso de Dona Grácia Nasi, empresária que viveu há 500 anos atrás e foi relevante em Portugal, é possível concluir que são vários os acontecimentos que escapam à análise distante da realidade dos números. Com efeito, da vida de Dona Grácia é possível extrapolar uma quantidade significativa de fatos aparentemente desligados dos negócios, cujo impacto é, todavia, vital.



De acordo com Brooks (2002), salientemos o casamento de Dona Grácia Mendes com Francisco Mendes, um dos homens mais ricos e influentes em Portugal no século XVI. Juntamente com o seu irmão, Diogo, Francisco fundou um império comercial e financeiro, com escritórios em Lisboa e Antuérpia. A Casa Mendes tornou-se uma das mais poderosas financeiras da Europa do Renascimento e concedeu enormes empréstimos a grandes figuras da época, como Imperador Carlos V, de Espanha e do império Romano, D. Henrique VIII, Rei da Inglaterra, entre outros.

A atividade financeira era o core business da Casa Mendes. Não obstante isso, a Casa Mendes também apoiou uma quantidade significativa de projetos sociais através do apoio a uma variedade de causas cripto-judias (Brooks, 2002). É de salientar o fato de terem recorrido ao seu poder financeiro para lutar contra o estabelecimento da Inquisição em Portugal, ajudando, de igual modo, a manter livre e desimpedidas várias vias de fuga para os cidadãos perseguidos na Península Ibérica e que optaram por viver em países, na época, mais tolerantes.

Subitamente, em 1535, Francisco faleceu e deixou parte de sua riqueza para Dona Grácia Mendes e sua filha Ana, também conhecida pelo seu nome judaico, Reyna. A permanência da Inquisição em Portugal (1536) e o conseqüente desejo do rei português de casar a filha de Dona Grácia Mendes com um cristão tradicional, como tentativa de controlar a riqueza, geraram tensão entre Dona Grácia e as autoridades portuguesas. Pressionada, Dona Grácia deixou Portugal em direção a Antuérpia, acompanhada pela sua irmã Brianda, pela sua filha Ana e outros elementos da família, formando uma comitiva familiar.

A sua saída de Portugal foi estrategicamente preparada juntamente com o seu cunhado Diogo Mendes, apoiados nos negócios da cidade de destino, Antuérpia, que se encontrava sob o reinado de Carlos V. Na época, Antuérpia era um importante centro de comércio e a chegada de Dona Grácia era perspectivada como um benefício económico para a cidade, não apenas por causa de sua riqueza pessoal, mas também pela sua rede de contactos e negócios potenciais, dadas as reconhecidas características empreendedoras e habilidades empresariais. Ao chegar a Antuérpia, Dona Grácia conheceu Ercole II, Duque de Ferrara, com quem trabalhou e desenvolveu, para fins comerciais, relações sociais e de negócio.

Todavia, em 1543, um novo acontecimento trágico assolou a família: a morte de Diogo Mendes. Em testamento, Diogo designou Dona Grácia como administradora de sua parte da fortuna dos Mendes e também como tutora da sua filha. Dessa forma, transformou Dona Grácia numa das mulheres mais ricas e poderosas da Europa. A última vontade, inscrita no testamento de Diogo, causou tensão e ciúme entre as irmãs, abrindo caminho para conflitos familiares num futuro próximo.

A morte de Diogo trouxe, ainda, problemas na relação de Dona Grácia com o Imperador Carlos V e com a Rainha Maria. Com efeito, estes analisaram Dona Grácia Mendes, identificando as fragilidades associadas a uma mulher viúva e solitária. Desta forma, viram uma boa oportunidade para investir com ímpeto sobre uma das maiores fortunas da Europa. Primeiro, tentaram confiscar as propriedades da família, procurando, posteriormente, forçar um casamento de conveniência entre a filha de Dona Grácia, Ana, e um cristão tradicional.

Como consequência destes fatos, a vivência de Dona Grácia em Portugal (com a Inquisição e proposta de casamento de conveniência) voltou a repetir-se na

Bélgica, motivando-a a escolher outro destino. A opção foi Veneza, para onde se mudou, em 1545, novamente com a família.

Uma vez na Itália, Dona Grácia viveu uma situação peculiar quando comparada com Portugal, ou seja, em Lisboa. Apesar de ser cristã, por causa da sua ascendência judaica, os cristãos a viam como judia. Já em Veneza, devido à sua origem e proveniência portuguesa, a comunidade judaica considerava-a cristã.

Pela primeira vez na sua história, Dona Grácia equaciona um destino fora da Europa Ocidental, no Império Otomano. No entanto, a rivalidade entre as irmãs, desencadeada pela decisão de seu cunhado Diogo para benefício de Dona Grácia, expressa no testamento, aparece novamente como uma ferida que não havia cicatrizado. Brianda queria ter acesso à fortuna de seu marido e não pretendia deixar a Europa na companhia de sua irmã. Brianda enfrentava, no entanto, a oposição de Dona Grácia. Essa última considerava a fortuna dos Mendes um legado familiar sagrado, comprometido com a continuidade dos negócios e com causas sociais, não reconhecendo à irmã a capacidade de cumprir essa missão. Brianda decidiu, então, denunciar Dona Grácia ao Senado veneziano, acusando-a de judaizante. Esse ataque realizado dentro da própria família causou uma rutura e separação familiar.

Como resultado do incidente, em 1548 Dona Grácia é forçada a deixar Veneza, temporariamente em direção a Ferrara, tendo como destino final a Turquia. Novamente, Dona Grácia mostra habilidades de negociadora e empreendedora e, recorrendo ao seu poder econômico e financeiro, persuade com sucesso o Sultão Suleiman, o Magnífico (1520-1566), a aceitá-la nos seus domínios.

Embora subsistam algumas dúvidas levantadas pela biógrafa Andrée A. Brooks, acredita-se que foi na Turquia que Dona Grácia Mendes se entregou, em definitivo e abertamente, ao judaísmo.

3.

Análise e discussão do estudo de caso

Para interpretar o estudo de caso de Dona Grácia Mendes, como se verifica há diversas atividades que se encontram totalmente fora do âmbito das teorias económicas e financeiras. Assim, para observar os negócios e as empresas como factos sociais, que é de facto o que são, recorreremos a pensadores clássicos como Talcott Parsons (funcionalismo), Karl Marx (marxismo) e Martin Buber (teoria das relações), entre outros autores.

Talcott Parsons (1960) introduziu a teoria do funcionalismo, partindo da suposição de que os sistemas sociais estão interligados com tudo. Assim, por exemplo, uma mudança em qualquer letra do abecedário, não afetaria apenas outra letra, mas todo o alfabeto. A história financeira de Dona Grácia mostra-nos que a intolerância portuguesa do século XVI, juntamente com outras decisões governamentais, teve um grande impacto no país, tornando-o num espaço onde o espírito empreendedor deixou de ser bem-vindo. Metaforicamente, Dona Grácia passa a representar a fuga em massa dos empreendedores e dos negócios de Portugal no século XVI, isto se considerarmos, também, a interação simbólica preconizada por Max Weber (2003).



Recorrendo a Marx (1977), verificámos que este autor dividiu o mundo em dois grandes grupos sociais, designadamente a burguesia e o proletariado. Na sua perspetiva, a burguesia é o grupo dominante, que subalterna o proletariado, que considera os oprimidos. Por outras palavras, em termos marxistas clássicos, os burgueses possuem os meios de produção, aproveitando-se do proletariado.

No caso de Dona Grácia, o proletariado não é significativo, mas o que é de relevar são as relações de poder, sendo Dona Grácia uma espécie de subclasse dentro do próprio poder. Como tal, a sua fuga de Portugal representa o desejo dos burgueses de consolidar o seu poder e de dominar todos os grupos mais fracos. A Igreja, apesar dos seus ensinamentos, é encarada, a partir da perspetiva marxista, como uma poderosa oligarquia que não só pode fazer as leis, mas também pode, através do apoio secular dos governos, impor a sua vontade aos menos poderosos.

Analisando a teoria de Buber (1958), podemos analisar as diversas relações, tanto de negócios, como familiares que circundam a empreendedora dona Grácia Mendes. Buber parte da hipótese de que todos os relacionamentos podem ser vistos em dois planos. Em primeiro plano, temos a relação Eu-Tu e, no segundo plano, a relação Eu-Isso. Para Buber, não podemos existir isoladamente, sendo essa mesma a razão pelo qual somos julgados face às relações que privamos. Logo, temos uma tendência para agir não só pelo que é, mas com quem? E com o que é que estamos a interagir? E em que contexto ou um quadro de referências?

Esses princípios são talvez uma ideia chave na interpretação deste caso. E, desse modo, podemos partir do pressuposto que os negócios são muito mais do que meros números e que, frequentemente, uma avaliação puramente quantitativa dos negócios não capta uma série de variáveis qualitativas, tais como a lealdade e compromisso para com o negócio, nem a relação entre os indivíduos e comunidades de indivíduos, e destes com o próprio negócio e o contexto social em que estão inseridos. Buber supõe que nós somos especialmente mais atentos e protetores com aqueles que são mais elevados na escala de Eu-Tu.

Nessa perspetiva, Dona Grácia Mendes traduz claramente que os negócios são mais do que os meros números. Em vez disso, a disposição de se sacrificar por causa de um negócio pode ser proporcional ao nível de compromisso empresarial. Por exemplo, no caso de Dona Grácia, devido ao seu amor pela sua filha Ana, ela pode ter feito várias escolhas de negócios irracionais, baseadas essencialmente na emoção e com base na relação mãe-filha. O modelo de Buber age, então, em oposição direta à crença de que os executivos fazem apenas escolhas racionais e baseadas em fatos concretos, o que, como vimos, nem sempre acontece.

Assim, a partir da reconstrução deste caso histórico é possível concluir que a liberdade subjetiva tem sido exclusiva de muito poucos indivíduos, sendo a generalidade das pessoas, respetivos desejos e realizações, submetidos à aprovação prévia de várias organizações que, em última análise, formam o Estado, por influência externa da sua composição política, social e religiosa.

Nesse contexto, um indivíduo comum com as suas necessidades imediatas, os seus interesses próprios e as suas paixões, entre outros aspetos da sua vida pessoal e profissional; pretende, apenas, a cada ato voluntário, suprir essas necessidades, interesses e paixões de forma básica. Embora os seus atos particulares contenham potencialmente o que há de universal, eles não conseguem, ou não querem, realizá-los, ficando satisfeitos com o que conquistaram para si ou para os seus, vivendo o conforto da resignação.

Por outro lado, existem indivíduos opostos, que procuram compreender o seu tempo, aproveitam as oportunidades para contraporem, procurando superar as leis e os direitos estabelecidos vigentes na sua época. Esta será uma excelente definição para empreendedor, enquadrando-se perfeitamente na matriz identitária de Dona Grácia Mendes. Estes indivíduos, igualmente com as suas necessidades e paixões particulares, harmonizam num ato essas paixões e o potencial da universalidade (vontade geral) nelas contidas, expressando, por vezes, a antítese, como meio necessário para a transformação da sua realidade. Dessa forma, estes indivíduos, opostos aos comuns, estão, por sua vez, a sintetizar o interesse da razão.

Todavia, como vimos no caso de Dona Grácia Mendes, o processo conduz, normalmente, esses indivíduos opostos para situações inesperadas e dramáticas. Dona Grácia, ao contrário dos indivíduos comuns, não foi uma pessoa resignada, feliz, nem viveu confortável, não obstante o seu poder e riqueza. Pelo contrário, viveu o desconforto dos desafios, cuja diferença, a prazo, se traduziu na progressão da consciência da liberdade, tendo, todavia, durante o percurso um efeito totalmente adverso, levando à eventual destruição de tudo o que empreendeu e realizou, tanto a nível pessoal, como profissional.

Desta forma, se para Hegel (2005) a Razão governa a História e os indivíduos são dotados de uma capacidade de realizar os interesses das suas paixões, aliada ao universal, logo, sendo este o resultado da atividade particular e da sua negação, pode-se questionar como se dá a relação do particular com o universal? Na ação de um indivíduo (histórico universal), a relação entre interesse particular e o universal é inseparável ocorre por participação. Por outras palavras, este indivíduo se expõe aos perigos gerados pela sua ação e se desgasta nos conflitos com a oposição, enquanto agente privado, sendo que a ideia, que é o universal, mantém-se ilesa, inabalável. Ou melhor, nas palavras de Hegel, dá-se a “Astúcia da Razão”.

Para Prado (2010) a “Astúcia da Razão” de Hegel, consiste em salvaguardar a ideia, permitindo que as paixões atuem por si mesmas, experimentem perdas e danos para que nessa luta e nessa perda, sobressaia sempre algo de positivo, afirmativo. Trata-se do preço do sacrifício pela progressiva consciência da liberdade e que justifica as ações de indivíduos, como Dona Grácia Mendes, uma mulher empreendedora muito diferente da generalidade das mulheres comuns, não só pelo trajeto de vida, como posteriormente estamos a constatar na história pessoal e profissional.



BIBLIOGRAFIA

Brooks, A. (2002). *The Woman Who Defied Kings: The Life and Times of Doña Gracia Nasi*. Minnesota, Paragon House.

Buber, M. (1958). *I and Thou*. New York: Charles Scribners & Sons Ltd.

Durkheim, É. (1982). *The rules of Sociological method and selected texts*. New York McMillam Press.

Hegel, F. (2005). *Filosofia da história*. UNB: Brasília.

Marx, K. (1977). *Capital*. New York: Vintage Books.

Parsons, T. (1960). *Estrutura e Processo nas Sociedades Modernas*.

Prado, C. (2010). Razão e Progresso na Filosofia da História de Hegel. *Revista do Mestrado em História, Vassouras*, v. 12, n. 2, p. 99-114, jul./dez.

Weber, M. (2003). *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. Translated by Talcott Parsons originally published Scribner New York 1958, Library of Congress.



